

ISSN 0101 - 3335

# LETRAS DE HOJE

Nº 72

JUNHO DE 1988

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

CONTENTS

**Letras de Hoje**  
**estudos e debates de**  
**assuntos de lingüística,**  
**literatura e língua**  
**portuguesa**

---

## EXPEDIENTE

---

### LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

#### Administração:

Avenida Ipiranga, 6681

Caixa Postal 1429

90000 Porto Alegre – RS – Brasil

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

#### Diretor:

Prof. Ir. Elvo Clemente

#### Assessoria Editorial:

Maria Eunice Moreira

#### Conselho Editorial:

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Seliar Cabral, Leci Borges Barbisan, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, Petrona Dominguez de Rodrigues Pasqués e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles.

A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A revista aceita trocas.  
*On demande l'échange.*  
*We ask exchange.*

#### Preço da assinatura:

– 4 números anuais:

Brasil: Cz\$ 360,00

Exterior: US\$ 30

Número avulso: Cz\$ 300,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	5
Luiza Lobo – Corpo: objeto de repressão ou a auto-imagem agredida .....	7
Darcy França Denófrío – O luminoso tetragrama de Hora Aberta .....	18
Irândé Antunes – Leitura e escrita: uma visão mais produtiva .....	51
Teresinka Pereira – A retórica da elipse na ficção de Ildeu Brandão .....	59
Eliane Vasconcellos Leitão – A mulher brasileira uma visão através da linguagem .....	64
Lélia Erbolato Melo – Aquisição e desenvolvimento da linguagem: criança ouvinte/criança surda .....	79
Oswaldo A. Furlan – A questionada influência açoriana no Sul do Brasil .....	84
Ir. Elvo-Clemente – Os prefácios e os textos .....	97
Lelia M. Parreira Duarte – Fernando, rei de nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: Pessoa-mito desmitifica mito-Pessoa .	103
Resenhas .....	110

## APRESENTAÇÃO

O presente número de **Letras de Hoje** inaugura o 21.º aniversário do periódico, com artigos selecionados de colaboradores de diversos centros universitários:

Luiza Lobo, da UFRJ, apresenta um trabalho de pesquisa sobre a contribuição de escritoras negras na Literatura.

Darcy França Denófrío, da UFGO, escreve uma importante crítica oriunda da pesquisa da obra de Gilberto Mendonça Teles.

Irané Antunes, da UFPE, tece uma série de considerações advindas de pesquisa sobre Leitura e Escrita.

Teresinka Pereira, da Universidade do Colorado-USA, estuda a obra de ficção de Ildeu Brandão, no tocante à retórica da elipse.

Eliane Vasconcellos Leitão, da UFRJ, apresenta relatório sobre a pesquisa da linguagem da mulher brasileira.

Lélia Érbolato Melo, da USP, relata os aspectos da aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança ouvinte e criança surda.

Oswaldo A. Furlan, da UFSC, questiona a influência açoriana no Sul do Brasil.

Ir. Elvo Clemente, da PUCRS, apresenta a importância dos prefácios e do aparelho liminar na crítica literária.

Lelia M. Parreira Duarte, da UFMG, contribui com uma pesquisa sobre a obra de Eduardo Lourenço, que desmitifica Fernando Pessoa.

## CORPO: OBJETO DE REPRESSÃO OU A AUTO-IMAGEM AGREDIDA

Luiza Lobo

Universidade Federal do Rio de Janeiro \*

Na ficção feminina negra contemporânea há uma crescente consciência de que, para ocupar um espaço na sociedade dominante burguesa, branca e capitalista, é preciso ascender socialmente e discutir a própria identidade em relação a uma imagem social e psicológica.

Atualmente, na opinião de Glória Wade-Gayles, há três círculos na realidade norte-americana que revelam a estrutura de poder: 1º) o mais amplo: é representado pelos homens, em sua maioria brancos; 2º) bem afastado do primeiro, há um círculo menor, onde os negros sentem a incerteza, a exploração, a falta de poder; 3º) um terceiro círculo, apenas um pequeno cercado, na verdade, contendo as mulheres negras, isoladas, em meio à América branca.<sup>1</sup>

Durante a escravatura nos Estados Unidos, as mulheres eram, em primeiro lugar, trabalhadoras, e apenas em segundo, mulheres. Raça e sexo não podem ser desvinculados da luta política e de classes — do contrário tudo ficaria muito confortável para o opressor. Zillah Eisenstein afirma que o “capitalismo patriarcal” exige a “opressão racial junto com a sexual e de classe”.<sup>2</sup> Para evitar “ver sexo ou classe, raça ou classe, sexo ou raça” deve-se estudar, ao invés, “o processo e as relações de poder”.<sup>3</sup>

\* — Professor Adjunto de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFRJ. Doutorado e pós-doutorado em Literatura Comparada nas universidades de Carolina do Sul e Nova Iorque. Este trabalho foi apresentado na 3ª Jornada de Estudos Americanos no dia 10 de abril de 1987, em Belo Horizonte.

O resultado da opressão sentida pela mulher negra durante a escravatura, vendida como gado em praça pública, a fez, segundo Calvin Hernton, "começar a desenvolver um conceito depreciativo de si mesma, não só como mulher, mas também como ser humano. Ela não tinha outra alternativa".<sup>4</sup>

No Terceiro Mundo essas distâncias se tornam ainda mais acirradas (apesar do mito da democracia racial, que encobre o racismo aqui existente)<sup>5</sup> porque, na maioria das culturas ibero-americanas a mulher é objeto das deformações causadas pela visão masculina, e "só consegue se conceber como um objeto algum outro", ditado "pela família, classe, escola, amigos, religião e colegas (...) seu ser é dividido entre o que ela realmente é e o que ela imaginar ser".<sup>6</sup>

Em importantes romances norte-americanos, como *This shild's gonna live*, de Mary Upshur, *The bluest eye*, de Toni Morrison — onde Cholly se sente tremendamente infeliz por não ter olhos azuis — e na maior obra da década escrita por autora negra, *The third life of Grande Copeland*, de Alice Walker, a opressão racial e a sexual se unem à pobreza como principais marcas da ficção feminina: "... as mulheres negras são pessoas agredidas não somente porque são negras e freqüentemente pobres, mas também porque misturam as cores de seus sonhos nas taças de victimização e sexismo dos homens negros. A linha divisória entre opressão sexual e opressão racial é tão tênue que se torna, às vezes, imperceptível".<sup>7</sup>

Assim, perguntaríamos, inicialmente: se o corpo da mulher, desde a escravatura, se tornou local privilegiado de opressão, como foi possível, concomitantemente, desenvolver-se na cultura brasileira o estereótipo da mulata sensual? Ou será este outro mito criado no Brasil com o fim de esconder o racismo aqui existente, para melhor praticá-lo através da dominação do inconsciente do outro? Se a mulata hoje é usada como mito sexual, isso se deve à ascensão social que o mulato apresentou no Brasil, durante o século XIX, com a urbanização e a vinda dos ex-escravos, após a abolição, para a Corte.

Comparando-se o escravismo dos dois países, a marca da escravidão no Brasil é mais forte porque a comunidade negra ainda não conseguiu superar os problemas atávicos daquele momento

histórico, que herdou do Brasil-colônia: analfabetismo, exploração, dizimação das famílias negras, açoitamento público e redução do negro a objeto, mão-de-obra e reprodutor não-remunerado<sup>8</sup> — sendo a mulher ainda usada também como ama-de-leite para os brancos.

Para Beverly Guy-Sheftall, o bi-racismo no sul dos Estados Unidos amplia as linhas divisórias entre sexo e raça, criando estereótipos — como o da empregada doméstica, para a negra. Assim — afirma — qualquer tentativa de ver negras e brancas como "irmãs" na opressão exercida pelos homens é falsa porque, durante a escravidão, as brancas exploravam as negras, como ladies, usufruindo do seu status quo.<sup>9</sup> Enquanto Glória Wade-Gayles considera errôneo a crítica feminista reduzir a produção feminina apenas ao binômio raça e sexo, não se podendo atribuir à raça problemas eminentemente sexuais,<sup>10</sup> para Guy-Sheftall o sexo é importante na constituição de uma crítica feminina, mas a raça é fator primordial.<sup>11</sup>

Um dos aspectos mais marcantes nos textos de negros brasileiros é que sua ascensão social é vista de forma extremamente culpabilizada, como se representasse um sonho de abandono individual dos outros "irmãos" — palavra de fundo cristão freqüente em tudo que escrevem. Em contrapartida, cresce a percepção entre os negros de que só poderão ascender a alguma forma de poder na sociedade branca e burguesa através da educação, pois só assim superarão os problemas de classe e enfrentarão os de raça, ao menos individualmente.

Enquanto isso, paralelamente a movimentos abertos de reação, nos Estados Unidos, as mulheres negras obtiveram ali melhorias intelectuais sensíveis, com o acesso à educação básica e à universidade — ultimamente não só como alunas mas também como professoras. Gwendlyn Brooks, Ann Petry, Dorothy West, Carolin Rodgers, Paule Marshall, Toni Cade Bambara, Mari Evans, Alice Walker, Toni Morrison, Gayl Jones são apenas algumas das mulheres que conquistaram espaços em antologias, revistas, jornais (não só de negros), mas, principalmente, na "consciência das mulheres".<sup>12</sup>

Para Mary Helen Washington, "o tema da beleza física da mulher negra ocorre com tanta freqüência nos seus textos que chega a

evidenciar a que ponto ela foi atingida pela discriminação contra a sua pele e a textura de seu cabelo. (...) O tema da cor quase sempre desempenha, pelo menos, um papel secundário nas vidas das personagens criadas por escritoras negras".<sup>13</sup> Esta tese se confirma em obras como *The bluest eye*, *Maud Martha*, *Corregidora*, *The living is easy*, *Mrs. Hedges*, *The Street*, por Toni Morrison; contudo, por outro lado, vemos como Alice Walker descarta o problema da 'cor' (...) como algo relacionado a flores".<sup>14</sup>

Na ficção norte-americana, a idéia de beleza, que exigiria uma auto-imagem positiva, acaba sendo substituída por outros critérios, como o de "feminilidade": "Critérios que determinam como a mulher deveria funcionar em vez de como ela deveria parecer".<sup>15</sup> Nos romances, as personagens femininas são caracterizadas como doces, suaves, coquetes, internalizando pressuposições sexualmente preconceituosas sobre o comportamento de uma mulher desejada ou bem-sucedida.

O sexo é um dos *topoi* marcantes, tanto na literatura norte-americana negra emergente — onde o lesbianismo surge em muitas obras,<sup>16</sup> quanto na brasileira, que apresenta poemas eróticos femininos inovadores. Na literatura brasileira feminina, constituída fundamentalmente por autoras brancas e burguesas, a "esfera" de atuação da mulher-personagem se restringe ao espaço doméstico. Ali se submetem a um jogo narcisista-masquista diante do espelho, como procurei examinar nas obras de Rachel Jardim, Lya Luft, Patrícia Bins, Helena Parente Cunha, Bruna Lombardi e Adélia Prado.<sup>17</sup> Numa linguagem autocentrada, na trilha de Clarice Lispector, vivem aquela existência de "anjo do lar", expressão que Virginia Woolf tão bem toma de Walter Pater — a "fada do lar", como diz Rachel Jardim em *A cristaleira invisível*.<sup>18</sup>

Enquanto Rachel Jardim, por exemplo, como representante deste grupo de autoras brasileiras brancas da burguesia, enceta um diário tripartido auto-referencial em *Inventário das cinzas*,<sup>19</sup> Alice Walker, em *A cor púrpura*,<sup>20</sup> inicia a fala de sua personagem quase consigo mesma, através de cartas para o "Querido Deus", mas depois a expande numa correspondência escrita e finalmente concreta com a irmã. O romance se institui verdadeiramente como um *Bildungsroman* feminino, que propõe: 1) um autêntico ponto-de-vista feminino, de dentro; 2) uma escrita da história da escravidão e

do jugo feminino a partir da visão dos vencidos; 3) uma proposta de liberação do corpo da mulher, mesmo se descrita como pouco desejável, ignorante e lésbica; 4) aceitação da ascensão intelectual e social pelo estudo e o trabalho, condição essencial para a mulher negra exercer um discurso mais sofisticado.

A questão da auto-imagem *denegrada* é mais gritante no Brasil, principalmente pela proximidade maior da escravidão, muito pouco revista ainda.

Apesar das críticas que faz ao conteúdo ideológico do conto "Negrinha", de Monteiro Lobato, no qual uma patroa branca obriga a criada negra a engolir um ovo fervente que acaba por provocar-lhe a morte, abandonada, numa enxerga, o conto "Histórias da Vó Rosária",<sup>21</sup> da escritora negra Geni Guimarães, não lhe fica atrás. Neste, a dona de uma escrava, negra doceira, ciumenta, queima-lhe as mãos, tornando-a aleijada, e mandando matá-la em seguida, sob a alegação de que se tornara inútil para o trabalho. A vingança dos moleques que ouvem essa estória da boca da velha negra contadora de estórias, jogando água de sabão fervendo nas pernas de Dona Joaquina, "uma senhora branca, alta, cheia de pilotes (sic) no alto da cabeça",<sup>22</sup> não chega a alterar a feição sádica, autodestrutiva da figura do negro no conto.

Também no conto "Caminho", de Miriam Alves,<sup>23</sup> a personagem Maria Pretinha envergonha-se de sua identidade. Na escola, foi impedida de representar o papel da Virgem Maria, por ser preta. Olhando-se ao espelho, recorda a canção "Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia", e caminha para o suicídio. Certa vez teve um acidente com o ferro de alisar cabelo, queimando o lado esquerdo do rosto, o que lhe provocou febre: "... passei a ostentar envergonhada as cicatrizes esbranquiçadas, para sempre. Cicatrizes e cabelos falsamente lisos completavam a desfiguração. Eu era triste caricatura borrada. Eu sou uma triste caricatura borrada" (p.70). De tanto curvar-se de sofrimento, torna-se aleijada da coluna vertebral, arrasta-se com rastejadores, vive o terror do céu de chumbo carregado de chuva, sofre com os calos. Seu desespero projeta-se no lodo do rio Mandaqui, o qual parece transformar-se em asfalto. Torna-se uma "calosidade ambulante". Mas de repente, reage, endireita-se, reergue-se, olha-se novamente no espelho, abraça-se à vida.<sup>24</sup>

Eis uma outra versão, mais perversa e desfigurada, do narcisismo diante do espelho, agora tendo como consequência as marcas indelévels da feiúra que se autonega.

Por outro lado, com um toque de humor negro, "Ogum", de Esmeralda Ribeiro,<sup>25</sup> utiliza um telefone negro como símbolo do racismo. Numa família *sui generis*, onde só o pai e uma das filhas são negros, ele desaparece misteriosamente, deixando para a filha Mariana, de modo inalienável, um telefone que não poderia ser vendido, em meio a uma casa que a mãe decorara totalmente de branco. Como o telefone nem mesmo funciona, a moça o doa para a escola de samba. Numa seqüência de eventos cômica pela extrema condensação dos relatos — o irmão é demitido e passa a vender produtos alisadores de cabelo, o namorado a abandona por uma suíça loura — finalmente ela insiste com o irmão para assistirem ao desfile da escola de samba. Ali, como grande destaque, aparece o enorme telefone negro. Estranhamente atraída por uma voz que sai dele e a chama, "Eu ainda crio asas", Mariana se atira na passarela, sendo pisoteada pela escola que não pode perder pontos. Aqui o telefone representa a figura do pai que a abandona e o pai que a recebe, o Ogum do Carnaval que a devolve para sua própria cultura.

Também demonstrando a importância da ligação entre a personagem e sua cultura, embora sem humor, *Brown girl, brownstones*, de Paule Marshall,<sup>26</sup> mostra como para uma jovem negra originária de Barbados o principal símbolo de ascensão social era possuir uma casa. Tudo o que ela deseja é uma casa de tijolos marrons, igual a todas as outras de Brooklyn. No entanto, o marido, que pouco trabalha, tem como sonho deslocado da realidade pessoal um casarão todo branco e de colunas brancas, como a dos senhores de escravos do sul dos Estados Unidos. Assim como Celie quase mata o marido com uma lâmina de barbear, não fosse a intervenção de Shug, a amante dele, Selina também passa a odiar o marido, e denuncia-se à polícia, como imigrante ilegal. Expatriado, ele cai do navio ou se suicida.

O ápice de *A cor púrpura* é a reunião de toda a família na imagem da CASA, após o retorno às origens tribais, lingüísticas e religiosas na África. A CASA passa a ser o símbolo do encontro da identidade, através da ascensão social. Ao invés, no conto brasilei-

ro "Ogum" o espaço da casa é branco, dominado pela mãe branca, e dadas as dimensões do sonho econômico da comunidade negra brasileira, o símbolo de ascensão e poder concentra-se num telefone negro, (im)possibilidade de comunicação social e ornamentação ritual.

Como acentua Selma Maria da Silva, em texto inédito da Universidade da Guiana Inglesa, onde trabalhou, há grande impregnação didática em toda a produção negra brasileira, principalmente nos contos, que funcionam como apólogos, ensinamentos, como se fossem contos infantis. Sônia Fátima da Conceição, no entanto, desconstrói esta postura didática propondo o riso como desalienação: "Ri, Jurema, Ri / Das leis que regem / a discriminação racial".<sup>27</sup>

Em *Reflexões*,<sup>28</sup> há algumas contribuições críticas femininas ao problema do racismo e da necessidade de mudança de mentalidade: Esmeralda Ribeiro em "Reflexão sobre literatura infanto-juvenil" (p.26-29), Miriam Alves em "Axé Ogum", (p.58-67) e Sônia Fátima da Conceição, "Ser negro, povo, gente: uma situação de urgência" (p.88-9). Além dos livros autônomos de autoras negras, *Criação crioula, nu elefante branco*<sup>29</sup> contém discussões de Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Marise Tietra, Zenaide e Roseli Nascimento, que participaram do I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros em São Paulo, em 1985. Em todos os trabalhos nota-se a influência do grupo paulista Quilombhoje, emprestando às mulheres sua postura crítica no que diz respeito ao preconceito racial nas escolas, o perigo de dominação do homem branco sobre a mulher negra nos casamentos interraciais — ou na recusa daquele em ter filhos com ela — o repúdio ao preconceito contra a cor da pele, textura de cabelo e manutenção de estereótipos da raça negra, bem como na vigilância da linguagem impregnada de significados pejorativos ao negro, como "é claro" evidenciando algo positivo e "a coisa ficou preta" como coisa negativa.

Assim, dentro da produção literária feminina negra, constituída principalmente de poesia, vemos três tipos de poemas: 1) erótico e humorístico, como liberação do eu feminino, visando a assumir sua identidade; 2) épico, ou anti-épico — buscando a criação de novos símbolos da raça negra, como a idealização de Luiz Mahin, líder da revolução dos negros malés, na Bahia, em 25 de

janeiro de 1835, ou a crítica do 13 de Maio como ato da Princesa Isabel, e não como produto da luta dos quilombos; 3) invenção técnica de linguagem.

No primeiro caso, lemos "Jantar", de Miriam Alves, que busca rediscutir o "lugar de negra" dentro da cozinha, recriando o humor humilhante de "Receita de mulher" de Vinicius de Moraes:

#### JANTAR

Minha carne queimou  
na panela  
Minh'alma penou no porão  
d'algum navio  
Minha cabeça  
conserva lembranças na geladeira  
da resistência  
Hoje  
raspo com palha de aço  
o chão que exala  
barro branco  
Queimo minhas mãos no fogo  
da revolta  
ralo sempre os sentimentos  
no ralador de queijo  
(...)  
Minha carne queima na  
panela  
cozida com molhos incertos<sup>30</sup>  
(...)

No plano da desconstrução da épica, é também de Miriam Alves o mais belo poema, "Mahin Amanhã":

#### MAHIN AMANHÃ

Ouve-se nos cantos a conspiração  
Vozes baixas sussuram frases precisas  
escorre nos becos a lâmina nas pedras  
revolta  
há revoada de pássaros  
sussurro, sussurro:  
"— é amanhã, é amanhã.

Mahin falou, é amanhã"  
A cidade toda se prepara  
Malés  
bantus  
geges  
nagôs  
vestes coloridas resguardam esperanças  
aguardam a luta  
Arma-se a grande derrubada branca  
a luta é tramada na língua dos Orixás  
"— é aminhã, aminhã"  
sussurram  
Malés  
geges  
nagôs  
"— é aminhã, Luiza Mahin, falou"<sup>31</sup>

Marise Tietra assim visualiza um poema erótico:

#### SÊ

Sement  
Semen  
Sem  
por cento  
medo  
se  
V.<sup>32</sup>

Já neste poema o tom humorístico, leve, liga-se a uma certa recriação da linguagem:

#### SALÃO CHIC

meninas chiques, blaques  
meninos chiquérrimos  
michales de um jackson overseas  
trancinhas agitam coloridas continhas  
brilho fosco de fumaça em cada olho  
negra luz em cada pele  
jovem disco  
jovem soul um futuro regue  
e o samba do oba-oba?  
fica na capa do gibi

salão é chic  
alegre a moçada

1, 2, e ah!  
riso branco com quantos dentes ainda restam  
1, 2, e ah!  
balanço de festa  
no cosmopolitan são paulo chic  
negra peça<sup>33</sup>

Apesar da existência de autoras isoladas noutros estados, como Maria da Paixão (MG) e Amélia Maria de Almeida Alves (Campos, RJ), é na São Paulo, cosmopolitana e cheia de ebulição intelectual que as mulheres negras têm produzido, seja na vida cultural, social, artística, seja na especificamente literária.

Concluimos, mesmo através do itinerário de uma autora como Alice Walker,<sup>34</sup> detentora do prêmio Pulitzer, com cerca de 30 livros de poemas, romances, contos e conferências, que a literatura feminina negra norte-americana, através de um movimento feminista organizado e a ausência de preconceito contra a ascensão econômica, social e intelectual da mulher, devido à tradição protestante daquela sociedade, já atingiu um grau de autonomia que a nossa dificilmente alcançará ainda neste século. A mulher negra no Brasil é duplamente culpada: por ser pobre, com relação ao meio social de onde proveio; por ser mulher, com relação à família que abandonou ao se tornar escritora e intelectual.

## NOTAS

1. WADE-GAYLES, Gloria, *No crystal stair. Visions of race and sex in Black women's fiction*. New York, Pilgrim, 1984. p. 225.
2. EISENSTEIN, Z., *Capitalist patriarchy and the case for socialist feminism*. New York, Monthly Review Press, 1979. p. 46-53.
3. Idem, *ibidem*, p. 47.
4. HERNTON, Calvin, *Sex and racism in America*. New York, Grove Press, 1965. p. 125.
5. SANTOS, Joel Rufino dos, *O que é racismo?* São Paulo, Brasiliense, 1980.
6. PAZ, Octavio, *The labyrinth of solitude. Life and thought in Mexico*. New York, Plauto, 1941. p. 1-6.
7. WADE-GAYLES, op. cit., p. 225.
8. Ver depoimento de um escravo reprodutor a um grupo de historiadores do Departamento de História do IFCS, in *História em Cadernos* (mimeo), 1, 1986.

9. WADE-GAYLES, op. cit., p. 7-11.
10. Idem, p. 28.
11. Idem, p. 6.
12. Idem, p. 16.
13. WASHINGTON, Mary Helen, *Black-eyed Susans*. p. xv, cit. in WADE-GAYLES, op. cit., p. 232.
14. WADE-GAYLES, p. 226.
15. Idem, p. 234.
16. Ver SMITH, Barbara, "Toward a black feminist criticism", in SHOWALTER, Elaine, ed. *The new feminist criticism. Essays on women, literature and theory*. New York, Pantheon Books, 1985. p. 168-85.
17. Ver "Dez anos de literatura feminina brasileira", de minha autoria, in *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 21, 4. dez., 1986. p. 107-25. Ver também "Women writers in Brazil today", in *World Literature Today*, Oklahoma, The University of Oklahoma, v. 61, 1, winter 1987. p. 49-54.
18. JARDIM, Rachel, *A cristaleira invisível*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
19. JARDIM, Rachel, *Inventário das cinzas*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1984.
20. WALKER, Alice, *A cor púrpura*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1986. [The color purple. New York, Pocket Books, 1982.]
21. GUIMARÃES, Geni M. "Histórias de Vó Rosária", in *Cadernos Negros*. São Paulo, 1981, 4. p. 37-9.
22. Idem, p. 39.
23. ALVES, Miriam, "Caminho", in *Cadernos Negros*. São Paulo, 1985, 8, p. 67-71.
24. Um poema de Célia, "De costas para o espelho", versa sobre a dificuldade do amor e da comunicação. Ver *Cadernos Negros*, 1978, 1. p. 32.
25. RIBEIRO, Esmeralda, "Ogum", in *Cadernos Negros*, 1985, 8.
26. Paule Marshall, oriunda de Barbados, esteve no Brasil e escreveu um conto com o nome "Brazil".
27. CONCEIÇÃO, Sônia Fátima da, "Jurema", in *Cadernos Negros*, 1986, 9. p. 19.
28. *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*. São Paulo, Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, 1985.
29. *Criação crioula, nu elefante branco. I Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros em São Paulo — 1985*, São Paulo, Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, 1985.
30. ALVES, Miriam, *Estrelas nos dedos*. São Paulo, Ed. do Autor, 1985, p. 99.
31. ALVES, Miriam, "Luiza Mahin", in *Cadernos Negros*, 1982, 5. p. 46.
32. TIETRA, Marise, "SÉ", in *Cadernos Negros*, idem. p. 38.
33. Idem, "Salão Chic", *ibidem*, p. 59.
34. Ver, a respeito da autora, DAVIS, Thadious M., "Alice Walker's celebration of self in Southern generations", in PRENSHAW, Peggy Whitman, ed. *Women writers of the contemporary South*. Jackson, University Press of Mississippi, s.d.